

## ENTREVISTA COM GUITA GRIN DEBERT \*

Entrevistador: *Johannes Doll*\*\*

**Johannes Doll** – Falar, de forma científica, sobre o envelhecimento no Brasil ainda é uma temática relativamente nova e tu acompanhastes esta caminhada desde o início. Por isso, queria fazer essa entrevista contigo, para conhecer um pouco mais sobre a maneira, como a Gerontologia se desenvolveu no Brasil. Primeiro eu queria perguntar um pouco em relação à tua própria caminhada, quer dizer, quando é que tu começastes a te interessar pela questão do envelhecimento, como é que tu começastes...

**Guita Debert** – Meu interesse inicial era pelo feminismo e por pesquisas sobre a condição feminina. Eu comecei a fazer meu doutorado na Inglaterra sobre um outro tema – o nacionalismo no Brasil na época do populismo, no período anterior ao golpe de 1964. Na Inglaterra, as questões relacionadas com o feminismo eram muito desafiadoras, tanto do ponto de vista político como teórico, e eu voltei para o Brasil interessada pela questão da antropologia e feminismo, que estava também em voga no Brasil. Eu participava de um grupo de estudos, em que as pessoas faziam pesquisas que envolviam estudos sobre a mulher. Na época, o feminismo era estudo da mulher, não eram os estudos de gênero. Eu então tive o interesse em pesquisar mulheres mais velhas para ver como a ausência do cuidado com os filhos e a ausência dos problemas relacionados com a maternidade transformava a experiência feminina. Foi essa intenção que me levou a começar a pesquisar a velhice. Como não tinha uma definição muito clara de como abordar a velhice, eu decidi trabalhar com mulheres de 70 anos ou mais e a idéia era compreender como elas estavam vivendo a experiência do envelhecimento. Minha hipótese era de que a velhice é tida como um período dramático na vida, porque

---

\* Socióloga, Universidade de São Paulo (USP). Mestre e Doutora em Ciência Política, USP. Pós-Doutora em Antropologia, Universidade da Califórnia em Berkeley. Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: ggdebert@uol.com.br Entrevista realizada em 07/08/2004, durante a 2ª Jornada da Associação Nacional de Gerontologia/Rio Grande do Sul (ANG/RS), em Porto Alegre.

\*\* Pedagogo. Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Gerontologia, Universidade de Heidelberg, Alemanha. Doutor em Filosofia, Universidade de Koblenz-Landau, Alemanha. Professor do PPGEDU da UFRGS. Coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento. E-mail: jdoll@edu.ufrgs.br

envolve a passagem do mundo amplo e público para o mundo privado e restrito e também a perda de uma vida sexual ativa que, particularmente no Brasil tem, para os homens, um papel fundamental. Como seria essa experiência para as mulheres? Os estudos mostravam que elas estavam restritas à esfera doméstica e tinham uma vida sexual reprimida. Como então o drama da velhice era por elas vivido? Eu suponha que, mesmo quando a situação do homem não é privilegiada, a mulher tenderia a usar um modelo masculino para pensar na sua situação. Quando comecei a fazer a pesquisa, com mulheres dos setores médios da população, essas suposições iniciais se mostraram totalmente falhas, porque as mulheres que eu entrevistei não se achavam velhas. O velho era sempre o outro, aquele que se comportava como velho, independentemente da idade cronológica. A pesquisa revelou, ainda, outras questões importantes para pensarmos em temas do feminismo que estavam em debate. O trabalho doméstico, por exemplo, era visto como uma das formas de opressão da mulher. Contudo, as mulheres que entrevistei diziam que não se consideravam velhas, porque tinham autonomia, não precisavam de ninguém para cuidar delas. Os homens, pelo contrário, dependiam do trabalho da mulher e por isso envelheciam mais rapidamente. Não “podiam viver sem uma mulher que cozinhasse, lavasse e passasse a roupa para eles”, como disse uma das minhas entrevistadas. Nesse contexto, portanto, o trabalho doméstico ganhava um novo significado: garantia a autonomia das mulheres e impedia que elas se classificassem como velhas.

A ausência de participação política das mulheres era outro tema que mobilizava a reflexão feminista. No entanto, as mulheres de 70 anos ou mais que entrevistei não opunham mulher e política, não considerando ser a política própria da arena masculina. Pelo contrário, revelavam interesse em conversar sobre o tema, tratar de suas opções eleitorais e revelar indignação com a corrupção de certos políticos. Algumas delas consideravam, ainda, que seus maridos tinham pouco interesse e informações sobre política, porque trabalhavam muito e não tinham de se inteirar do que acontecia nessa esfera. Rompiam, assim, com a associação indissociável que nós estabelecíamos entre o mundo do trabalho e o da política.

A pesquisa foi assim muito interessante, porque desafiava alguns dos conceitos com os quais nós, as feministas, operávamos. Mas despertou também o meu interesse pela questão da velhice propriamente dita. Ficava evidente que o senso comum sobre a velhice trabalhava com estereótipos que mereciam ser revistos com cuidado. E eu me interessei em compreender também a experiência

masculina de envelhecimento em diferentes contextos e situações. Fiz, então, uma pesquisa com homens de 70 anos ou mais de setores médios da população e fui descobrindo questões interessantes para problematizar a experiência contemporânea as quais direcionaram minha atenção para o que estava sendo feito no campo da gerontologia.

**Johannes Doll** – Quando foi isso?

**Guita Debert** – Eu comecei a fazer a pesquisa nos anos 80, começo dos anos 80. Eu sempre dei aula de antropologia, mas fiz o meu mestrado e doutorado em ciências políticas. E trabalhei com discursos políticos, a minha formação, na graduação, era em Antropologia e também em Lingüística. Eu fiz uma parte da graduação na França em Lingüística e Ciências Sociais.

**Johannes Doll** – Curso de graduação na França?

**Guita Debert** – É, eu fiz uma parte da minha graduação na França e na França, na graduação, escolhíamos duas disciplinas, uma maior e uma menor. Então, a minha maior era a Sociologia e a menor era Lingüística. A Lingüística naquela época, anos 70, quando eu estava fazendo a graduação, era a disciplina da moda. A Lingüística aparecia como a disciplina que faria a grande síntese das ciências sociais, dando um arcabouço científico às humanidades. Era época do estruturalismo e, quando terminei a graduação na USP (Universidade Estadual de São Paulo), fiz um projeto de mestrado sobre o discurso político. É uma longa história e essa escolha permitiu conciliar vários interesses. Meu interesse em fazer antropologia, [surgiu pelo] o fato de que os professores com quem eu gostaria de trabalhar terem passado do Departamento de Antropologia para o de Ciência Política - no caso, Ruth Cardoso, que orientou meu mestrado e doutorado – e, por fim, através da análise do discurso político, estabelecer uma relação entre a Antropologia e a Ciência Política.

No mestrado eu trabalhei com discurso político e no doutorado com nacionalismo, mas eu já dava aula de antropologia na PUCSP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e, depois, fui dar aula no Departamento de Antropologia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), antes mesmo de terminar o doutorado. Mas, quando estava terminando o doutorado, eu já estava interessada nessa questão do envelhecimento, iniciando um projeto de pesquisa sobre esse tema.

**Johannes Doll** – E como foi naquela época, nos anos 80, a discussão do envelhecimento no Brasil?

**Guia Debert** – Olha, havia pouquíssimas discussões sobre o envelhecimento, mas eu devo te confessar que o interesse era grande e aquela pequena pesquisa que fiz, de início, com mulheres de 70 anos ou mais foi um “sucesso”. Era um trabalho muito modesto e sem pretensão acadêmica. Eu estava trabalhando na minha tese de doutorado sobre o nacionalismo no período populista, há três ou quatro anos, tinha levantado um material enorme, mas nunca tinha sido convidada para apresentar resultados desse trabalho. Com a velhice foi exatamente o contrário. Havia um interesse enorme, recebi um convite para publicar os resultados obtidos com as primeiras entrevistas e vários outros convites para falar da minha pesquisa, inclusive um convite do Congresso Internacional da Associação de Sociologia, ISA (International Sociological Association), que tem um *research committee* sobre velhice e queria um cientista social do Brasil que falasse sobre o assunto.

Em 1986 defendi o doutorado e já tinha, então, feito a pesquisa com os homens mais velhos de diferentes estratos sócio-econômicos e também iniciado uma outra com grupos de terceira idade. Eu precisava de tempo para analisar os resultados e escrever sobre o tema; por isso, em 1989, pedi uma licença, na universidade, para fazer estudos de pós-doutorado no Departamento de Antropologia, da Universidade da Califórnia, em Berkeley. A idéia era aproveitar o tempo para conhecer a instituição e também fechar a pesquisa. O que aconteceu, de fato, foi que conheci pessoas muito interessantes que escreveram sobre velhice e envelhecimento, como Margaret Clark, Sharon Kaufman, Nancy Scheper-Hughes. Tive contato com uma bibliografia enorme e com a associação e centros de pesquisa sobre o envelhecimento. Em suma, ficava claro que uma pesquisa que eu pensava encerrar estava na realidade começando.

**Johannes Doll** – Então antes nem tinhas tanto contato com essa discussão internacional do envelhecimento.

**Guia Debert** – Era um contato muito limitado. O computador e a internet só entram na vida acadêmica, nos moldes que conhecemos hoje, nos anos 90.

**Johannes Doll** – Então, o contato com a discussão internacional foi a partir daquele Congresso Internacional de Sociologia que lhe chamaram, não é?

**Guita Debert** – Aí foi o momento em que eu conheci Anne Marie Guillemard, que coordenava o grupo na ISA e que tem uma obra muito interessante sobre envelhecimento. A bibliografia antropológica que eu conhecia estava muito voltada para o tema da velhice e diversidade cultural.

**Johannes Doll** – E para ficar um pouco nesta parte das tuas pesquisas, depois tu fizestes o trabalho com asilos?

**Guita Debert** – Fiz com os asilos depois que voltei do congresso da ISA, que foi em 1982. O pós-doutorado foi em 1989/1990. Quando voltei desse pós-doutorado, eu abri uma outra pesquisa, que chamei “*Formas de Gestão da Velhice*”, inspirada em Anne Marie Guillemard. Esse era uma espécie de projeto guarda-chuva, que abria a possibilidade de várias pesquisas que eu poderia realizar e também orientar alunos que se encarregariam de realizá-las, definindo projetos específicos. O projeto se desdobrava em cinco áreas, nas quais interessava pensar para discutir as formas de gestão da velhice no Brasil contemporâneo. A primeira área estava voltada para os sindicatos. Como os sindicatos trabalhavam com a questão do envelhecimento? Qual era a configuração que a luta pelo direito à aposentadoria dava à velhice? Como as perdas da velhice que legitimam o direito à aposentadoria eram tratadas, num contexto em que a gerontologia tende a realçar os ganhos que o envelhecimento proporciona? Essa linha foi depois desdobrada na pesquisa feita por Júlio Assis Simões sobre o movimento dos aposentados e na pesquisa de Deborah Stucchi sobre os programas de preparação para a aposentadoria. O Júlio e a Deborah tiveram uma participação central nas discussões com outros pesquisadores mais jovens que conduziam investigações nas outras áreas. A questão de leis e decretos voltados para a população mais velha era a segunda área de interesse, que depois foi desdobrada na pesquisa de doutorado de Serafim Fortes sobre os fóruns e os conselhos de idosos. A formação da gerontologia como um campo de saber compunha a terceira área, que teve como resultado a dissertação de mestrado e o livro de Andréa Lopes. A quarta área que estava voltada para a mídia, resultou na pesquisa de Adriana Calabi sobre as imagens dos velhos na publicidade e serviu de base para o vídeo que fizemos sobre o velho na propaganda. Por fim, tinha uma quinta área, voltada para programas emergentes para a velhice e terceira idade, que englobava desde as universidades para a terceira idade até as delegacias dos idosos.

O projeto originou um leque de pesquisas muito estimulantes que foram realizadas por um grupo de estudantes em diferentes estágios de formação, desde iniciação científica até o doutorado. Levantamos uma documentação enorme e contamos com um banco de dados que poderá ser explorado por muito tempo e que vem sendo utilizado em publicações, aulas, conferências e reuniões científicas.

Meu interesse atual de pesquisa é a questão da violência contra o idoso. Estou retomando a pesquisa que fiz com as delegacias do idoso, um grupo especial do Ministério Público de São Paulo que trabalha com o idoso e com os Juizados Especiais Criminais, que foram uma criação recente no Brasil. Os casos levados à delegacia dos idosos têm sido encaminhados a esses juizados, que foram criados para tratar dos crimes considerados de menor potencial ofensivo, isto é, crimes cujas penas não ultrapassam um ano de detenção. As queixas feitas nas delegacias dos idosos são geralmente tipificadas como ameaça ou lesão corporal leve, crimes cujo potencial ofensivo é considerado menor. Os juizados foram criados para dar celeridade aos processos na justiça, mas acabaram por receber uma demanda que antes não chegava à justiça e que vinha das delegacias da mulher e do idoso. Esses crimes, por sua vez, trazem uma demanda específica aos juizados e meu interesse é ver como eles são tratados. Assim, por caminhos muito diferentes, volto a pesquisar gênero e o modo como essa questão se relaciona com a velhice. As delegacias dos idosos têm um formato muito parecido com as delegacias da mulher e é irresistível a proposta de comparação das duas instituições, tal como venho fazendo.

**Johannes Doll** – Em 98, em um congresso da ANG (Associação Nacional de Gerontologia), lembro que estavas falando em pensar pesquisas futuras, fazer uma agenda de pesquisas na área de Gerontologia. Eu me lembro que naquela reunião que era para discutir sobre um desenvolvimento das pesquisas em Gerontologia, encontramos mais pessoas que eram interessadas em fazer pesquisa, mas não conheciam muito o campo ainda, no fundo não levou a nada. Como tu vê essa experiência hoje, e se tu achas ainda necessário fazer uma agenda de pesquisas em Gerontologia no Brasil?

**Guita Debert** – Naquela reunião, a discussão de uma agenda de pesquisas não teve muita repercussão. Hoje essa agenda é necessária. Veja o crescimento dos mestrados e das pós-graduações em Gerontologia. Isso já é uma indicação da criação de agendas de pesquisa. Quando eu comecei a pesquisar, a velhice

de certa forma era um domínio do SESC (Serviço Social do Comércio), que criou uma política para o idoso. Mandou seus técnicos, sociólogos ou assistentes sociais estudarem no exterior e eles voltaram com novas propostas. Então essa área da gerontologia era dominada por esses profissionais que tinham um ranço com a universidade. Eles sentiam um certo mal-estar com a universidade e, de certa forma, eles tinham um monopólio dessa temática, com pouca ênfase na pesquisa propriamente dita e muito voltados pra ação. Enfim, é um trabalho que merece todo o mérito, não há dúvida, mas hoje esse trabalho tem que ter uma interlocução com a pesquisa que se faz em Gerontologia no país. Quando, naquele congresso, nos propusemos refletir sobre agendas de pesquisas essa demanda não era evidente. Hoje, a universidade tem um papel central e com a universidade a pesquisa é fundamental. Não adianta ficar só traduzindo manuais produzidos no exterior.

**Johannes Doll** – Apesar da própria universidade ter também uma ação extensionista forte na área do envelhecimento, a discussão do envelhecimento na universidade ganhou muita força com isso. As universidades da terceira idade, os grupos que foram criados, acho que a discussão na própria universidade começou primeiro por aqui, as pesquisas entraram, muitas vezes, só bem mais tarde.

**Guita Debert** – É isso. No começo, foram as atividades extensionistas, em que a idéia da pesquisa não era importante, não tinha papel nenhum. Da mesma forma que a pesquisa não tem lugar nas universidades para a terceira idade. As universidades para a terceira idade são muito diferentes, congregam públicos diversos e com recursos diferentes realizam mais ou menos as mesmas atividades: aulas, conferências, excursões, artesanato, teatro. Mas essa diferença é muito importante, porque dá conteúdos muito diferentes ao processo de envelhecimento. É preciso reconhecer que a velhice não dissolve a segmentação por classe social e pelas outras clivagens sociais que marcam a população. Os gerontólogos não podem criar uma camisa-de-força com a velhice. É por isso que eu gosto muito de fazer a comparação com gênero, essa comparação enriquece a reflexão sobre a velhice. Porque, com o gênero, também se criou a categoria “mulher”, que passa a encobrir as diferenças de experiências e propõe uma dominação masculina tida como universal e sempre presente. Nos estudos de gênero, quando se fala em mulher, é quase um reflexo perguntar de quem se está falando. São as mulheres brancas? As mulheres de classe média? As lésbicas? Atentar para essas diferenças é

fundamental. O mesmo deveria ser feito com o “velho”. Não basta apenas trocar a categoria e dizer “idoso” ou “terceira idade”. Esse tipo de categoria é um empecilho até mesmo para a ação política e, nos estudos sobre a velhice, estamos menos conscientes desse fato. Isso é ainda mais grave no Brasil, justamente porque aqui esses programas para terceira idade mobilizam um público muito jovem, muitas vezes com menos de 50 anos. É um país onde a mulher envelhece muito rapidamente e as mulheres são o grande público desses programas.

**Johannes Doll** – Pensando na relativização dessas categorias e de categorias antagônicas, e olhando mais para a interação entre as categorias, tu vê alguma relação das categorias como “mulher” ou “velhice” com essa discussão da modernidade e a pós-modernidade?

**Guita Debert** – Esses conceitos de modernidade ou de pós-modernidade são sempre muito complicados, não é? As pessoas se colocam contra ou a favor. Eu considero a discussão sobre a pós-modernidade interessante, porque ela chama a atenção para as mudanças que caracterizam a sociedade contemporânea. Elas são importantes também para pensar na questão das identidades. Na modernidade, certas identidades eram vistas como emancipatórias. Ter a identidade de operário, negro ou mulher era a condição para que os indivíduos se envolvessem numa luta política libertária. Essa idéia ainda impregna os trabalhos com a velhice que partem do pressuposto de que os indivíduos devem se identificar como velhos, de modo a criar uma solidariedade com os outros velhos e lutar para melhorar as condições da velhice. A peça de teatro<sup>1</sup> que vimos aqui é muito interessante porque mostra isso: o esforço empreendido nesses programas para a terceira idade de convencer as pessoas de que elas são velhas ou que devem se preparar para a velhice e depois, então, convencê-las de que elas não devem se comportar como velhos e que é possível ser eternamente jovem. A peça é muito crítica e mostra com muito humor esse processo de disciplinamento da velhice. Uma das características da modernidade reflexiva é a flexibilidade das identidades. Ou seja, o “quem eu sou”, a identidade é um processo contínuo de reflexão e negociação que se faz em meio a uma pluralidade de recursos como as psicoterapias, as revistas, os livros de auto-ajuda. As identidades são sempre provisórias e envolvem uma tomada de decisão biográfica.

---

<sup>1</sup> Durante a 2ª Jornada da ANG/RS foi apresentado, pelo grupo “Temporão” da ULBRA 3ª Idade, a peça teatral “Prepare sua Cabeça”, texto e direção de Déa Azambuja.

Quando você cria uma identidade fixa, acaba por criar, o índio, o branco, a mulher ou o velho hiper-real. E aquele velho que diz que não é velho, que diz não se considerar velho, é visto com um certo rancor, porque ele não está agindo de acordo com esse modelo ideal do velho correto, do velho bonzinho, do velho quietinho, e, sobretudo do velho consciente das formas através das quais ele é discriminado e oprimido como velho.

**Johannes Doll** – Aqui no Brasil eu tenho a impressão que essas categorias nunca foram tão fixas quanto em outros países. Por exemplo, em relação a essa questão do velho, um colega norte-americano contou uma história que ouviu aqui no Brasil: uma pessoa negra, já velha, teve bastante sucesso na vida, então ficou como uma pessoa que conseguiu bastante dinheiro. E quando falava dizia: realmente, a vida do negro no Brasil é muito complicada porque eu também já fui negro. É exatamente como tu falastes: as categorias não eram fixas para a época. Às vezes eu tenho a impressão que aqui as possibilidades de desfazer categorias, vínculos, questões institucionais, são muito mais fortes do que em outros países.

**Guita Debert** – É, sem dúvida. Mas eu acho que há uma brasileirização do mundo, nesse sentido, que é próprio das sociedades de consumo. Através do uso das tecnologias e dos serviços colocados em ação, você pode ter e deve lutar para ter a aparência desejada.

**Johannes Doll** – Eu tenho uma pergunta em relação à questão da Gerontologia: neste campo da Gerontologia, que é um campo amplo, interdisciplinar, como é que tu vê o papel da Antropologia?

**Guita Debert** – Bom, eu acho que o papel da Antropologia é central. Não se trata de defender o meu espaço no mercado. O que a Antropologia faz? Se eu fosse resumir em uma palavra o potencial da disciplina, eu diria que, com a idéia de estranhamento, a Antropologia nos ajuda a contestar certas convenções próprias do senso comum e que organizam nossas práticas. A Gerontologia é prisioneira de convenções que temos muita dificuldade em contestar. Eram algumas dessas convenções tidas como óbvias que eu queria discutir, quando fiz a oposição entre *Apocalypse Now* e *Apocalypse No*, na fala de ontem. O pressuposto que organiza o discurso gerontológico é que nós vamos ficar mais velhos, vamos ficar mais doentes e vamos gastar mais. Raramente discutimos essa convenção nos termos em que os autores que citei ontem estão fazendo. Eles argumentam que há um aumento do número

de velhos, mas não aumenta o número de doenças, que é mais ou menos estável. Se as condições forem mais saudáveis, o comportamento for mais saudável, e aceitarmos que a morte é inevitável e que na morte é preciso dar conforto e dignidade aos indivíduos, essa visão apocalíptica dos custos do envelhecimento populacional se desfaz. O que a Antropologia pode fazer é oferecer elementos para politizar certas afirmações que se pretendem neutras politicamente e que afetam os velhos e nos afetam, organizando a reflexão e as políticas voltadas para a velhice e a aposentadoria. A Antropologia é rica porque o que ela faz é perguntar: será que isso vai acontecer realmente? É claro que ela não pode dizer o que vai acontecer. Mas ela exige que tenhamos um cuidado maior com as previsões sobre o futuro e nos mostra como essas previsões acabam por organizar o nosso presente, muitas vezes de maneira nefasta para certos grupos da população. Enfim, a Antropologia nos ajuda a pensar, porque ela desnaturaliza a vida social, mostrando que não podemos supor que é inerente à natureza humana valores e atitudes próprios das sociedades ocidentais modernas. Essa visão crítica da Antropologia, o que chamamos de crítica cultural, é imprescindível para fazer uma Gerontologia crítica. É próprio da Gerontologia um apelo à interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade e, como gerontólogos, nós nos acostumamos a respeitar muito os especialistas de outras profissões como se, no campo desses especialistas, as verdades fossem indiscutíveis. No nosso campo, sabemos que são amplos os debates e os conflitos teóricos e metodológicos que caracterizam nossa disciplina. É preciso compreender os debates que caracterizam cada campo e compreender o sentido político das diferenças. Não podemos deixar que essa politização fique a cargo exclusivamente da mídia, que, no debate sobre qualquer tema, gosta de opor os contra e os a favor.

**Johannes Doll** – Como tu percebes a questão da interdisciplinaridade em relação às diferentes disciplinas científicas?

**Guíta Debert** – A valorização da interdisciplinaridade não pode correr o risco de ver as outras disciplinas como campos homogêneos.

**Johannes Doll** – Em relação ao campo interdisciplinar da Gerontologia, eu tenho a impressão de que a Antropologia assumiu um papel bastante forte. Como tu vês isso? Isso é uma especificidade da Gerontologia brasileira ou em outros países é parecido?

**Guita Debert** – Olha, se a compararmos com os Estados Unidos, a interlocução entre Antropologia e Gerontologia é muito forte. Há uma associação chamada Antropologia e Gerontologia. Eu fui associada durante alguns anos, depois ficou muito cara a inscrição... [risos]. Não sou mais. Eu não sei muito sobre outros países, mas nos Estados Unidos a Antropologia e a Gerontologia têm uma relação muito forte. Talvez seja arriscado dizer isso, mas tem uma especialidade muito antiga nos Estados Unidos, a Antropologia Médica, que sempre foi muito importante. Eu arriscaria dizer que hoje a metade da Antropologia Médica nos Estados Unidos estuda o envelhecimento. Na Inglaterra, eu tenho mais contato com as publicações na área da sociologia do envelhecimento do que propriamente da antropologia voltada para a velhice. Na França e na Alemanha, eu não saberia dizer, mas eu imagino que nesses países a sociologia é mais forte, e aqui é o contrário, a antropologia é mais forte do que a sociologia no estudo da velhice.

**Johannes Doll** – Eu tive a impressão que na Alemanha, a Psicologia foi uma das áreas que avançou muito nos estudos sobre o envelhecimento. Também existem estudos na Sociologia, mas pelo que eu vi eram mais restritos, enquanto a Psicologia em muitas pesquisas assumiu o papel de carro-chefe. Então, vendo isso, são outros trabalhos que ficam mais reduzidos, digamos, no campo de um equilíbrio gerontológico. E no Brasil, me impressionou a quantidade de pesquisas antropológicas sobre a velhice, mesmo que seja em número menor do que nos Estados Unidos.

**Guita Debert** – É verdade. Não sei, eu realmente acho difícil pensar nessa questão. Não saberia dizer por que a antropologia teve essa importância no Brasil. Quando eu penso no trabalho da Myriam Lins de Barros, lembro que seu interesse pela velhice veio via estudos da família. Não foi via gênero, foi via família, mas ela acabou trabalhando com grupos de mulheres. A Cornélia Eckert e a Clarice Peixoto fizeram o doutorado na França. A Cornélia com mineiros velhos e a Clarice com a questão da imagem, da antropologia visual e realizou vídeos voltados para esta questão da velhice. E a Alda Britto é da Sociologia, mas usa uma metodologia antropológica. De todo modo, os estudos sobre a velhice são ainda em número muito pequeno. Na realidade também é um número muito limitado, se compararmos com os trabalhos sobre gênero, por exemplo, a Psicologia tem muito mais trabalhos na área da velhice. O que eu acho interessante é que a gente não perde a relação com a Antropologia. Se me perguntar: você é antropóloga ou gerontóloga? Eu vou

responder: sou antropóloga. Tenho certeza que a Myriam também, a Cornélia também e a Clarisse também. Então o nosso vínculo primeiro é a Antropologia mais do que a Gerontologia. E é diferente quando eu vejo os psicólogos. Acho que a Anita Néri se definiria como gerontóloga, não como psicóloga. Eu tenho essa impressão. Não sei. Você, como se definiria?

**Johannes Doll** – Eu me defino primeiro como pedagogo. Talvez tenha a ver com características profissionais. Na universidade eu entrei como pedagogo, leciono Pedagogia na graduação. Esta marca foi muito forte, o espaço para trabalhar com o envelhecimento, só tive na pós-graduação.

**Guita Debert** – É, todos nós.

**Johannes Doll** – Agora, em relação à Psicologia eu fico pensando. Na verdade também têm as pessoas no Brasil que trabalham com a Anita Neri, e o grupo que está vinculado à ela está crescendo.

**Guita Debert** – É, mas lá não tem muitas psicólogas. O grupo dos professores da Psicologia - quer dizer, são da Faculdade de Educação. Por exemplo, a Neusa de Gusmão é uma antropóloga que está trabalhando na Educação, mas, acredito que ela vai se definir sempre como antropóloga e não como pedagoga.

**Johannes Doll** – Talvez tenha a ver com a própria hierarquia entre as diferentes áreas. Talvez seja mais chique ser antropóloga e psicóloga do que ser pedagoga.

**Guita Debert** – Pode ser. Não sei. Essas coisas dependem também muito do contexto.

**Johannes Doll** – Aqui na UFRGS temos também um trabalho forte na área da Psicologia, mais na Psicologia Cognitiva com a Maria Alice de Mattos Pimenta Parente. Estou pensando agora, quem trabalha com Psicologia do Envelhecimento no Brasil? Na verdade, é mais o Serviço Social, que se dedicou ao campo do envelhecimento.

**Guita Debert** – A Psicologia tem na PUC [SP], a Ruth Lopes é psicóloga e a Beth [Elisabeth] Mercadante é antropóloga.

**Johannes Doll** – Novamente a Antropologia.

**Guita Debert** – É, realmente é um lado forte. E eu acho também que tem mais uma coisa de bom na Antropologia. Na realidade, se você for ver, são boas antropólogas que se destacam por outros trabalhos além da velhice propriamente dita. Eu acho que isso é uma coisa importante, porque na Medicina, por exemplo, hoje a Geriatria já tem um outro *status*, mas até muito recentemente o médico ia para a Geriatria porque não tinha encontrado um lugar nas especialidades de maior prestígio, e a Geriatria era um campo de certa forma vazio. Na Antropologia não, são pessoas que também já tinham feito outros tipos de pesquisa. A Myriam Lins de Barros é uma especialista em família, em Antropologia da Família. Eu já tinha um livro publicado sobre análise de discurso, Ideologia e Populismo. Isso dá uma legitimidade maior para esse tipo de estudo. Tem esse lado, digamos, que é mais grandioso. E tem um lado do trabalho antropológico: você tem que fazer a sua pesquisa com um grupo diferente do seu. Fazer pesquisa em outro continente ou mesmo entre os índios na Amazônia, por exemplo, sai muito caro, é proibitivo para o aluno em iniciação científica ou no mestrado. Esse talvez seja o lado mais medíocre da coisa, mas é importante mencionar. Pesquisar os mais velhos é mais fácil e mais acessível do ponto de vista econômico. Acaba sensibilizando também muitos alunos que querem fazer pesquisa, começam a pesquisar e há uma troca muito interessante porque, para orientá-los, você tem que estudar mais. Tem um jogo aí que é muito produtivo.

Enfim, essas são hipóteses para se pensar no interesse que os antropólogos brasileiros têm pela velhice e para não cair no “cada pessoa é uma pessoa” e tudo é puro acaso.

**Johannes Doll** – Eu achei interessante que eram pessoas muito competentes da Antropologia e da Sociologia que entraram nesta discussão e até por isso atraíram outras. Quer dizer, uma pessoa que está começando a fazer vai demorar tempo para ter mestrados, pode ser que a coisa não avance tanto. Agora, alguém que já tem peso, que atrai, que tem recursos, consegue criar condições favoráveis.

**Guita Debert** – Consegue criar o interesse, não é?

**Johannes Doll** – E como tu vê a relação entre a Antropologia e o Serviço Social, que é a outra grande área? Tu falastes um pouco da questão; no

SESC, esse campo está mais marcado pelo Serviço Social como um campo prático, a Antropologia entrou nessa discussão mais com as questões teóricas. **Guita Debert** – Eu acho muito complicado, essa não é uma relação fácil. Tem momentos que são fáceis, mas tem uma forte reação, porque tem uma coisa anti-academia que também está muito presente. Como se a academia só fizesse teoria ou pesquisasse coisas que são óbvias. É, por exemplo, óbvio que o velho é discriminado, fazer pesquisas sobre isso é visto como uma perda de tempo. Esse é um lado muito desastroso que às vezes ganha força. A própria ANG e a SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia) tem um jogo que é complicado, que vale a pena recuperar. De um lado é colocada a academia, a pesquisa e, de outro lado, a prática profissional. Não é possível considerar que um lado prejudique o outro. Como se a academia visasse apenas criticar as práticas bem intencionadas. Então não é uma relação fácil, porque a própria prática profissional é objeto dos nossos estudos. O SESC tem uma situação muito privilegiada para poder realizar programas para a terceira idade, para fazer congressos, com pessoas do país e do exterior; tem, portanto, uma competição que às vezes é mais ou menos complicada. Falando da Psicologia, você esqueceu também de lembrar da Ecléa Bosi, que é da Psicologia.

**Johannes Doll** – É verdade.

**Guita Debert** – Ela teve uma importância muito grande, realmente o livro dela sensibiliza até hoje as pessoas que trabalham com a velhice. Essa é uma coisa que também mobiliza. Mobilizou a área de Psicologia e eu acho que mobilizou mais o interesse pela velhice por parte do Serviço Social e da Antropologia do que da própria Psicologia. Não é verdade?

**Johannes Doll** – Eu tenho essa impressão, até porque o trabalho se aproxima muito mais de um estudo antropológico. O trabalho se encaixa mal numa categoria da Psicologia Social, mas acho que tem mais facilidade no Serviço Social do que na Psicologia.

**Guita Debert** – É gozado isso, não é? Estas discussões: uma obra da Psicologia que na realidade acaba mobilizando outros setores.

**Johannes Doll** – Mas também a Universidade consegue, apesar de tudo, abrir um certo leque um pouco mais amplo, não fechar as pessoas dentro de suas disciplinas. Talvez a Antropologia seja um campo que possibilite essa

abertura, por isso são pessoas também de outras áreas que fazem mestrado e doutorado lá. Por exemplo o Júlio Simões, né?

**Guita Debert** – Ah, é. Ele tem formação em História. É muito bem formado, ele fez a graduação na USP, o mestrado na Unicamp e doutorado comigo na Unicamp. Agora é professor do Departamento de Antropologia da USP. A primeira pesquisa dele não foi sobre a velhice. A dissertação de mestrado, que ganhou o prêmio de melhor dissertação da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), foi sobre a primeira administração do PT (Partido dos Trabalhadores) em Diadema. Ele fez uma etnografia do primeiro ano dessa administração, dos conflitos envolvidos na administração do município... Esse tema é super atual agora, você pode imaginar [risos]. Então é isso. Os antropólogos que trabalham com a velhice fizeram pesquisas sobre outros temas e, sem dúvida, isso criou um estímulo diferencial. Mas não pense que era fácil ter alunos interessados em pesquisar a velhice. Hoje é muito mais fácil encontrar pesquisadores do que quando eu comecei. Tinha bolsas e projetos, mas hoje é bem mais fácil.

**Johannes Doll** – Foi mais difícil ainda?

**Guita Debert** – É, para entusiasmar os alunos, mostrando inclusive a importância dessa temática para a compreensão do mundo contemporâneo.

**Johannes Doll** – Atualmente tens orientandos, mestrandos e doutorandos, de outras áreas, ou só antropólogos?

**Guita Debert** – Atualmente, eu tenho uma historiadora e uma aluna formada em direito. O que é muito bom, porque aprendo muito com elas. Especialmente com a área do direito, porque estou fazendo pesquisa na delegacia do idoso, no Ministério Público e no Juizado Especial Criminal, então poder trabalhar com pessoas formadas em direito facilita o trabalho. No tipo de pesquisa que faço é importante entusiasmar os alunos para pesquisarem comigo, porque é muito difícil conseguir os dados. Acho muito importante dizer isso. Por exemplo, para saber como as delegacias funcionam é muito importante observar como os atendimentos são feitos. Mas eu, Guita, que sou professora da Unicamp, não posso ir lá numa delegacia e dizer: “Quero ficar aqui observando o trabalho de vocês.” Eles não vão deixar. Meus alunos conseguem fazer a observação do trabalho, eles ganham um lugar para fazer consulta de B.O.s (Boletins de ocorrências) e inquéritos policiais e conseguem um material de pesquisa

fascinante, ao qual eu jamais teria acesso. Então, para mim, é fundamental contar com esses jovens pesquisadores.

**Johannes Doll** – Eu pensaria o contrário.

**Guita Debert** – Mas não é. Nem sempre é válida a consideração de que quanto maior for a qualificação do pesquisador melhor para a pesquisa. A minha presença pode causar e de fato causa constrangimentos na dinâmica da delegacia, o que não ocorre com a presença de um jovem pesquisador. Há um interesse dos agentes da delegacia de explicar o seu trabalho, apresentar as dificuldades enfrentadas, até mesmo discutir com o estudante o que seriam medidas acertadas. Esses agentes não vão me deixar ficar sentada lá, observando. A gente normalmente pensa que é o contrário. Para levantar esse tipo de dados que eu estou querendo, eles são tremendamente melhores, então eu dependo muito deles para conseguir material interessante e, depois, analisarmos juntos. É uma troca importante e eu não faria o meu trabalho sem essa troca. Eu tenho que escrever sobre isso para o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), escrever um artigo para o CNPq continuar mantendo as bolsas de iniciação científica. Quando disseram que iam acabar com as bolsas de iniciação científica, você lembra? Eu disse: “Nossa, estou ferrada.” A minha pesquisa não sai sem iniciação científica.

**Johannes Doll** – Tanto é importante que na UFRGS temos já há mais de quinze anos o nosso Salão de Iniciação Científica, até com sessões interdisciplinares específicas sobre o envelhecimento. Guita, muito obrigado por esta entrevista.

**Guita Debert** – Eu agradeço a oportunidade em poder colaborar com a revista *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*.